

O MODERNISMO NO RIO GRANDE DO SUL: REVISITANDO UMA PESQUISA DOS ANOS 70

LIGIA CHIAPPINI

Freie Universität Berlin
Alemanha

Resumo

Trata-se, como diz o título, de revisitar uma pesquisa, feita nos anos 70, sobre a repercussão do movimento modernista no Rio Grande do Sul e as peculiaridades locais que assumiu. O objetivo é não apenas resumir livros já esgotados sobre o tema, mas discutir alguns de seus pressupostos, indagando da sua atualidade, principalmente no que diz respeito ao confronto, recolocado hoje, entre regionalismo e modernismo.

Abstract

As the title indicates, the essay revisits research conducted in the 1970s regarding the repercussions of the modernist movement in the state of Rio Grande do Sul and the local peculiarities it would acquire there. The goal is not only to summarize out-of-stock books on the subject but also to discuss some of their presuppositions and consider their relevance today, particularly in light of the confrontation between regionalism and modernism that is currently being raised yet again.

Palavras-chave

Modernismo;
regionalismo;
literatura;
política; Rio
Grande do Sul.

Keywords

Modernism;
regionalism;
literature;
politics; Rio
Grande do Sul.

Este texto é resultado de um duplo esforço: de um lado, um esforço de memória e de síntese, pelo qual tento reconstituir as origens, as hipóteses e as conclusões de uma pesquisa feita no início dos anos 70, sobre a repercussão do movimento modernista no Rio Grande do Sul; de outro, um esforço de atualização, no sentido de levar em conta o momento (entrada do século XXI), e o espaço (universitário) onde se faz a história deste projeto, com um balanço de seus resultados. Momento e espaço, atravessados pelas questões levantadas pelo chamado pós-modernismo, em nome do qual se propaga cada dia mais uma imagem negativa do modernismo.

Deixando essa questão polêmica para o final, tento empreender a seguir uma apresentação, a mais objetiva possível, do que foi nomeado acima como “O modernismo no Rio Grande do Sul”. Tal apresentação se apóia sobretudo nos resultados obtidos na pesquisa, mas sabendo que, sob essas informações, permanece – para ser retomada ao final – a questão da atualidade de seus pressupostos teóricos, a começar pela concepção mesma que se tinha nos anos 70 e que se possa ter hoje do modernismo e de seu contraponto, o regionalismo.

I O projeto e o programa de pesquisa em que ele se inscreve

A- Objetivos e justificativa do trabalho proposto

O projeto de pesquisa, apresentado à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo – Fapesp, a 9 de janeiro de 1970, propunha os seguintes objetivos:

1. Levantamento de dados úteis ao conhecimento do modernismo no Rio Grande do Sul.
2. Conhecimento mais profundo do Modernismo de São Paulo e Rio, no que diz respeito a suas repercussões nacionais, na tentativa de melhor entender o seu papel determinante na renovação da literatura e da cultura brasileiras.

Este texto é tradução e adaptação do apresentado na Jornada de estudos sobre o modernismo brasileiro, Universidade de Paris VIII, Vincennes-Saint-Denis em 23.10.1999, e publicado posteriormente em francês, nas atas do congresso.

O projeto se justificava sobretudo pela importância do movimento modernista de 1922, que havia introduzido e divulgado idéias novas, responsáveis por importantes transformações na vida cultural brasileira, e pelo fato de que os estudos sobre o Modernismo eram ainda incipientes. A precariedade desses estudos era particularmente notável no que dizia respeito à repercussão das novas idéias em outras regiões brasileiras. Apesar de alguns estudos pioneiros, como o de José Aderaldo Castello sobre regionalismo e modernismo em Pernambuco, faltavam estudos sistemáticos tanto sobre o Nordeste quanto sobre as outras regiões. No que diz respeito ao Rio Grande do Sul, nosso¹ projeto lembrava que livros importantes – como era o caso da História da Literatura do Rio Grande do Sul, de Guilhermino César – se detinham justamente às vésperas do movimento.

Entretanto, como também notamos na época, esse Estado Brasileiro tinha sido um dos principais objetos da propaganda modernista, merecendo uma viagem especial de Guilherme de Almeida, protagonista da Semana de Arte Moderna de São Paulo, que aí foi (como também a Recife) para fazer uma “pregação” (conforme o termo usado pelos jornais da época) em favor do movimento.

Finalmente, argumentava-se que era urgente empreender essa pesquisa, uma vez que alguns dos mais importantes representantes do modernismo gaúcho estavam ainda vivos, como era o caso de Augusto Meyer, Ruy Cirne Lima, Moysés Vellinho, Athos Damaceno Ferreira, entre outros.²

B- Algumas hipóteses e aspectos previstos

Tínhamos a seguinte hipótese: que o caso do Rio Grande do Sul era muito particular e que seu estudo poderia desvelar uma realidade literária original.

¹Nosso, porque, no início, o projeto era sobretudo de Antonio Candido, meu orientador. Somente depois é que eu me apropriei verdadeiramente do tema, como, aliás, ele mesmo explica no prefácio ao meu primeiro livro, *Modernismo no Rio Grande do Sul, materiais para seu estudo* (IEB/USP, 1972, 358p).

²A título de curiosidade histórica, lembro aqui uma carta de Antonio Candido, de 9.1.1970, que apresentava o projeto à Fapesp e o situava entre outros que ele dirigia, numa linha de pesquisa sobre o Modernismo brasileiro, à qual pertenciam algumas teses como a de Maria Helena Grembecki (mestrado sobre a formação das idéias estéticas de Mário de Andrade e a revista *L'Esprit Nouveau*; doutorado sobre a influência do romantismo na obra de Mário); a de Telê Porto Ancona Lopez (mestrado sobre a teoria do “sequestro da dona ausente”, em Mário de Andrade, e doutorado sobre a formação das idéias do escritor no que diz respeito à cultura brasileira); a de Nites Teresinha Feres (mestrado sobre as leituras francesas de Mário de Andrade, e doutorado sobre o papel mediador das pequenas revistas entre as idéias francesas e italianas de vanguarda, de um lado, e o modernismo brasileiro, de outro.); a de Vera Chalmers (mestrado sobre o jornalismo de Oswald de Andrade). Nessa carta ele explicava também que seu projeto se articulava com o projeto de Silvio Castro (nesse tempo, professor de Literatura Brasileira na Universidade de Padova) que queria fazer uma série de pesquisas sobre o Modernismo de São Paulo, Rio, Minas Gerais, Nordeste e Rio Grande do Sul. Antonio Candido deveria dirigir a primeira e a última. Os resultados deveriam ser publicados em pequenos livros de 120 a 160 páginas. A cooperação entre os dois pesquisadores, que eu saiba, foi interrompida, mas Antonio Candido prosseguiu o plano, ao menos no que diz respeito ao livro sobre o Rio Grande do Sul, objeto de meu mestrado, que foi publicado pelo Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo em 1972, o que me permitiu, aliás, ultrapassar largamente as 160 páginas.

Pensava-se mesmo que não se poderia falar verdadeiramente de modernismo no caso riograndense, no mesmo sentido que se usava para São Paulo, Rio de Janeiro ou Minas Gerais. No Nordeste, sobretudo em Pernambuco, talvez se pudesse falar de um regionalismo moderno. No que se referia ao Rio Grande do Sul, haveria uma combinação extremamente curiosa entre regionalismo e modernismo, que a nova pesquisa se propunha a investigar e tentaria explicar.

As questões centrais a responder eram:

1. Como o Modernismo havia sido introduzido no Rio Grande do Sul (datas, formas e meios de infiltração, contatos com o movimento paulista)?
2. Quais eram os principais fatores culturais com os quais ele se relacionava (grupos, correntes, manifestações, ocorrências, revistas etc.)?
3. Quais eram as particularidades que ele assumiu, e, dentre essas, quais eram sobretudo as relações entre regionalismo e Modernismo?
4. Quais as principais influências que ele teria tido no meio?
5. Qual a produção resultante do movimento no plano local (na ficção, na poesia, na crítica, no ensaio?)
6. Quais haviam sido as personalidades do movimento (desde simples participantes de ocasião aos modernistas propriamente ditos)?

C- Atividades mais importantes realizadas durante a pesquisa

1. Consulta e estudo da bibliografia sobre o movimento modernista em geral, feita sobretudo em São Paulo.
2. Viagens freqüentes a Porto Alegre para localizar e fotografar (já que naquele tempo não havia a possibilidade de tirar fotocópias dos artigos de jornais e revistas que interessavam para o trabalho) o material encontrado em arquivos pessoais ou públicos, sobretudo na Biblioteca Central, seção riograndina e seção de periódicos.
3. Pesquisa minuciosa em revistas e jornais: *Revista do Globo*, *Revista Madrugada*, *Revista Lanterna Verde*; jornais diários de Porto Alegre, como *O Correio do Povo* e *Diário de Notícias* (páginas de literatura), cujos exemplares de cada dia, entre 1922 e 1932, consultei, seleccionei e fotografei sistematicamente.
4. Entrevistas com as pessoas direta ou indiretamente ligadas ao movimento, não somente os intelectuais acima nomeados, mas igualmente familiares de alguns escritores já falecidos, como era o caso de Mansueto Bernardi, entre outros.
5. Pesquisa sobre as atividades de Guilherme de Almeida por ocasião de sua visita a Porto Alegre e sobre a repercussão dessa visita.

II Os resultados

No final do primeiro ano da pesquisa, pude fazer um balanço do material recolhido e fotografado. Então dei-me conta de que poderia já responder as questões

1, 2, 5 e 6, colocadas no início. E foi possível organizar o material e as respostas numa primeira dissertação de mestrado, defendida em 1970 e publicada em 1972.³

Nesse livro, apresento um resumo de cada artigo encontrado nos jornais e revistas acima citados, que tinham uma relação qualquer com o Modernismo, suas idéias, seus defensores, seus críticos. Atenção especial receberam aqueles artigos que evidenciavam o diálogo dos intelectuais locais com os modernistas do centro do país.

Em princípio, isso seria suficiente para um mestrado, segundo meu orientador. Porque se apresentava já, de modo sistemático, um material importante, como prova da repercussão do movimento modernista no Rio Grande do Sul, da constituição de um grupo considerável de escritores que discutiam as idéias recebidas do centro, que produziam ensaios, textos de ficção e poemas, considerados como pertencendo à nova tendência e que mantinham, seja por carta seja pela troca de livros e revistas, contatos com os principais modernistas de São Paulo e Rio.

Mas à medida que eu trabalhava esse material para transcrevê-lo e resumi-lo, percebi que uma organização por data e por autor me permitiria já traçar uma certa periodização do Modernismo no Rio Grande do Sul, de seus principais autores e respectivas obras, como também dos principais temas que deveriam ser discutidos mais profundamente na continuidade do trabalho.

Quer dizer, havia sido possível responder as questões sobre datas, formas e vias de penetração, contatos e personalidades mais importantes. Também tinham sido localizadas as obras resultantes do movimento no Rio Grande do Sul e se evidenciara o papel importante nesse processo de jornais como *O Correio do Povo* e, num segundo tempo, o *Diário de Notícias* com sua “Página Literária”, o papel da revista *Madrugada* e da *Revista do Globo*. Nos jornais foram encontrados os artigos que comentavam a visita de Guilherme de Almeida em 1925, e também o texto da conferência que ele leu no Sul e no Nordeste.⁴ Mais ainda, constatava-se que textos dos modernistas de São Paulo e Rio eram publicados freqüentemente e comentados nos jornais do Sul e que alguns escritores, como era o caso de Augusto Meyer, se correspondiam com os paulistas, sobretudo com Mario de Andrade.⁵

Entre as principais obras, consideradas como frutos da nova geração modernista no Rio Grande do Sul, apresentavam-se as de Vargas Neto, Augusto Meyer, Ruy Cirne Lima, Athos Damasceno Ferreira, Ernani Fornari, Pedro Vergara, Olmiro Azevedo, Darcy Azambuja, entre outros.

A última constatação mais relevante, nessa primeira organização dos dados obtidos, era o importante papel desempenhado pela Livraria do Globo, como pólo de aglutinação desses escritores. Ela publicava seus livros e funcionava

³ Cf. nota do título.

⁴ Onde, aliás, ele atacava o regionalismo, considerado uma barreira conservadora que deveria ser vencida pelo modernismo.

⁵ A publicação das cartas nos revela que essa correspondência entre ambos durou dez anos.

como ponto de encontro. Esse fator é tão decisivo que o grupo se fez conhecer como “Grupo da Globo”.

Mas eu já começava também a responder as outras questões – sobre as características específicas que o modernismo tinha assumido no Sul; sobre as relações entre tradição e vanguarda; sobre as principais influências do movimento no meio. Isso, porém, de modo ainda insuficiente e pouco sistemático, porque, para compreender as características do modernismo local, era preciso enfrentar um dos principais problemas tematizados pelos escritores: a tensão regionalismo-modernismo. Para isso era preciso levar em conta as polêmicas (como uma, célebre, entre Rubem de Barcelos e Moysés Vellinho), pelas quais se podia constatar o que tínhamos como hipótese inicial, ou seja, a relação singular entre essas duas tendências literárias e culturais na região.

Mas esse problema, central, não era simples e era preciso estudá-lo melhor. Para fazê-lo, era indispensável examinar de perto a produção dos autores do período. A resposta às questões que permaneciam em aberto teve que esperar, então, mais três anos, porque demandou outra tese, desta vez, de doutoramento: *Regionalismo e modernismo: o “caso” gaúcho*, posteriormente publicada em livro, com o mesmo título.⁶

O livro reproduz apenas a segunda parte da tese, dedicada ao estudo da ficção. Na primeira parte eu estudava a poesia e os manifestos. Desse estudo da poesia, publiquei mais tarde, em separado, a parte concernente à obra poética de Augusto Meyer.⁷ Alguns anos depois, aproveitei parte do que chamei de manifestos (basicamente artigos que tinham um pouco essa função, como um de Augusto Meyer que se chamava “Regionalismo contra Brasilidade”⁸) na minha tese de livre-docência, defendida em 1986, sobre João Simões Lopes Neto.⁹

O trabalho de doutoramento tinha a intenção de responder principalmente como se poderia definir e valorizar a produção modernista do Sul, na ficção, na poesia e no ensaio. Tratava-se também de superar a constatação da existência do movimento no Sul, simplesmente através de fatos exteriores às obras (contatos, datas, publicações, polêmicas, instituições), para responder até que ponto se poderia falar da positividade dessa repercussão no que se referia às obras, elas mesmas, seu estilo, estrutura e temática.

A primeira conclusão que se impôs foi que, se podíamos falar da existência de um movimento modernista no Rio Grande do Sul, no que se referia a fatores externos, no que dizia respeito às obras a questão era bem mais complicada, sobretudo porque nos defrontávamos com uma continuidade muito grande da tradição regionalista.

⁶ São Paulo, Ática, 1978 (a tese foi defendida em 1974).

⁷ “Cirandagem”, *Revista de Letras de Assis*, v.17, 1975.

⁸ *Correio do Povo*, 21.10.1926.

⁹ *No entretanto dos tempos: literatura e história em João Simões Lopes Neto*, São Paulo, Editora Martins Fontes, 1988.

Estudando a produção da poesia, parecia claro que somente a obra de Augusto Meyer fazia verdadeiramente avançar essa tradição, introduzindo algumas tensões muito modernas nos seus poemas, como era o caso da tensão entre cidade e campo ou entre as diferentes instâncias do indivíduo dividido.

No que diz respeito à ficção, se o programa dos modernistas do Sul era fazer um regionalismo renovado, estilizado, que partisse do que João Simões Lopes Neto tinha já tentado fazer, a leitura das obras me dizia que esse projeto havia em grande parte fracassado, porque Simões Lopes parecia mais moderno que os modernistas e porque se podia reduzir as principais obras destes (na maioria contos) a uma espécie de receita que contava sempre uma mesma história, com pequenas variações, pondo em cena os mesmos tipos. Apoiada na metodologia estruturalista do tempo, sobretudo no modelo de Propp, pude produzir um modelo de narrativa e um modelo de atributos para os heróis e os anti-heróis, que tinha uma configuração binária, o que me permitiu representá-lo, algum tempo depois da defesa de tese, num artigo em que eu a resumia,¹⁰ por uma receita de cozinha:

Receita para conto regionalista

Ingredientes:

Um herói – gaúcho da campanha com os seguintes atributos: telurismo, valentia, virilidade, honra, franqueza, saúde, liberdade.

Um anti-herói – homem da cidade, da colônia (italiana/alemã) ou do Uruguai, com os atributos contrários: afastamento da terra, covardia, impotência, falta de honra, dissimulação, doença, escravização.

Um dano e/ou carência transformados em desafio

Uma luta

Uma vitória (do herói)

Modo de preparar:

Coloque o herói a uma distância prudente do narrador, no tempo e no espaço, para que ele possa ser devidamente idealizado; regrida aos tempos do Rio Grande sem fronteiras e solte o homem nas coxilhas ubertosas, generosamente descritas com adjetivos e metáforas coloridas. Crie uma situação em que o gaúcho se enfrente com o homem da cidade e seja agredido por este. Apanhe com hipérbolos e comparações telúricas o gesto de rebeldia do gaúcho desafiado. Narre a luta com seus lances de heroísmo. Não esqueça de mostrar as reações covardes do adversário e o apelo desonesto a recursos traiçoeiros. Dê sempre a vitória ao herói, acentuando o seu modo cavaleiresco de comportar-se durante e após a batalha. Salpique cá e lá o texto com vocábulos gauchescos e castelhanismos, entre aspas ou grifados. Se quiser poderá deixar de vez em quando o herói falar diretamente, mas quando isso acontecer, tenha o cuidado de marcar na escrita o sotaque carregado e os erros de concordância. Misture tudo em pequenas doses, alterne a narrativa das ações com longas e belas descrições do ambiente e terá pronto e acabado um conto ou cena da vida gauchesca que reverencia os nossos antepassados, “ensinando e deleitando”, como queria o velho Horácio.

¹⁰ “Amarrando os pingos nos ii”, in *Almanaque*, 2, São Paulo, Brasiliense, 1976, pp. 66-73.

Como se vê, minha conclusão era muito crítica, no que se refere à produção dita modernista. Na tese, o confronto desse modelo com a narrativa política, da campanha da Aliança Liberal em 1930,¹¹ explicava para mim as limitações estéticas do modernismo gaúcho.

Foi por isso que Paulo Emilio Salles Gomes, que havia lido meu primeiro livro (fruto da dissertação de mestrado já mencionada) e que fazia parte da banca de doutorado, disse ler nessa continuidade do trabalho uma espécie de fartão que eu tomara pelo meu próprio tema, tal a diferença de tom entre uma tese e a outra.

Em parte ele tinha razão, como pude reconhecer num artigo escrito por ocasião de sua morte,¹² mas o que me permitia as conclusões positivas na primeira tese (o tipo de material trabalhado) era a mesma coisa que me impelia às conclusões negativas na segunda.

É verdade que eu trabalhava com os pressupostos modernistas: a originalidade e a experimentação, sendo valores centrais, mas eles o eram também, ao menos na retórica, para os escritores do Sul e seus inspiradores de São Paulo e Rio. Talvez, relendo o trabalho a partir da perspectiva de hoje, eu tenha mais compreensão para com os contos de Darcy Azambuja ou os poemas de Vargas Neto, mas, em geral, estou de acordo com os julgamentos de então, ainda hoje. Deixando de lado a falsa modéstia, penso mesmo poder dizer que meu trabalho foi pioneiro em dois aspectos: ele foi um dos primeiros (como dizia Antonio Candido na sua carta, anunciando-o à Fapesp), a ampliar a investigação sobre o modernismo para além do centro e não se contentou em trabalhar a poesia e a ficção produzida, mas tentou ainda compará-las com o discurso político e jornalístico da época, para encontrar relações mais gerais da literatura com a cultura e a sociedade.

Poder-se-ia dizer também que esse trabalho problematizava de um modo pós-moderno *avant la lettre* os critérios de valor com os quais eu mesma trabalhava, como se pode ver por estas palavras que pertencem à conclusão da tese de 1974:

Até que ponto a crença no poder da arte não é uma ficção burguesa? Até que ponto os critérios sobre o que seja a verdadeira arte não expressam uma consciência de classe, específica e elitista? E, até que ponto não é ela responsável por uma atitude preconceituosa em relação a um tipo de Literatura ou de arte que julgamos ruim ou medíocre?

Essa tensão é constitutiva deste trabalho e talvez seja a experiência digna de ser passada adiante, sob a forma de livro.¹³

¹¹ Há todo um capítulo em que se comparam esse modelo narrativo dos contos analisados e o de artigos de jornais que comentavam os acontecimentos políticos de 30. Tanto no nível dos atributos quanto no da fábula podem-se constatar aí muitas semelhanças.

¹² “Paulo Emilio em banca de tese”, *Ensaio de Opinião*, 2.4.1978, pp. 27-8.

¹³ Regionalismo e Modernismo: o “caso” gaúcho, *op. cit.*, pp. 251.

Mas talvez na época eu não tenha sublinhado suficientemente algo que hoje eu formularia assim: Se é verdade que, quanto às relações do modernismo com o regionalismo, este venceu, de modo que a produção gaúcha permaneceu mais regionalista que moderna, é certo também que essa produção, graças ao seu regionalismo, pode manter uma certa originalidade em relação às influências do centro, coerentemente com sua cultura particular e com o estágio de desenvolvimento da sociedade gaúcha do tempo. Se a palavra estivesse ainda na moda, se poderia dizer que o modernismo do Sul foi mais autêntico, na medida em que lhe faltava atualidade com relação ao gosto paulista, do que se ele se adaptasse simplesmente a esse gosto para inovar, renunciando às tradições da literatura local e às necessidades históricas que faziam essa tradição ainda viva.

Desse modo, penso que o caso do modernismo gaúcho é um caso exemplar para discutir as relações entre modernidades plurais, à luz das quais se podem repensar as relações entre região, nação e mundo, e, no quadro dessas, entre localismo e cosmopolitismo, entre vanguarda e regionalismo.

Para terminar, é preciso justificar essa afirmação, lembrando a tendência atual de rebaixar o modernismo para elevar o regionalismo. Uma das expressões mais vulgarizadas (para não dizer vulgar) dessa tendência foi propagada pela revista *Bravo*, que, em 1998, estampava na sua capa a cara de Oswald de Andrade com um tomate no olho, ao passo que, dentro, fazia comentários irônicos sobre os modernistas de São Paulo e Rio e um balanço superficial do movimento, tecendo apenas elogios a Ariano Suassuna, num contraponto demasiado sectário.¹⁴

Trata-se, aliás, de uma atitude muito difundida e recorrente na América Latina, que fez Antonio Melis, um especialista em literatura andina e hispano-americana, escrever um texto em que revela o *nonsens* de opôr a literatura urbana, do que nomeia “paradigma rioplatense” (de um Cortazar ou de um Borges) à literatura dos Andes (de um Arguedas, por exemplo, “paradigma andino”),¹⁵ tentando, ao contrário, valorizar de modo positivo as duas tendências que são vistas em geral como opostas: o moderno *versus* o tradicional e ultrapassado. Reagindo a esse binarismo, Melis nos faz ver que se trata de dois mundos diferentes que não podem ser tão facilmente comparados. Pode-se dizer a mesma coisa em relação ao mundo da campanha gaúcha do Rio Grande do Sul e de uma cidade como São Paulo. A literatura que não quer desrespeitar a complexidade do real e da própria arte não pode ignorar essas diferenças de espaço e de tempo, diferenças que são históricas, econômicas e culturais.

¹⁴ *Bravo*, ano 1, n. 8, pp. 17-70.

¹⁵ Antonio Melis, “Calvino y la literatura hispanoamericana: el paradigma rioplatense y el paradigma andino”, in *Borges, Calvino, la literatura (El coloquio en la isla)*, Madrid, Editorial Fundamentos, 1996, v. 2.

Defender o cânone modernista contra o regionalismo, como fizeram os modernistas do centro do Brasil, representa um empobrecimento tanto da realidade quanto da literatura. Mas, inversamente, atacar os modernistas, de um ponto de vista pós-moderno, como faziam os regionalistas dos anos 20, fechados nas suas particularidades, e como fazem hoje os que querem defender o regionalismo contra o modernismo, é apenas o mesmo movimento invertido. Hoje em dia isso é ainda pior, porque, em nome do respeito à diferença, acaba-se por promover assim a homogeneidade. O mais simples e o mais sábio seria aceitar essa tensão que é constitutiva da sociedade de um país tão grande e tão diversificado. Por isso, como Antonio Melis, reivindico o direito de gostar dos dois: do paradigma modernista e do paradigma regionalista.